

Imagens de negros e negras no livro didático de história dos anos iniciais do ensino fundamental

Benedito Gonçalves Eugênio¹

Andirana Oliveira Lima²

Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma investigação de cunho qualitativo que objetivou compreender de que forma os conteúdos sobre o negro são tratados no livro didático de História dos anos iniciais do ensino fundamental. A recolha dos dados foi realizada por meio de uma pesquisa exploratória em livros didáticos de História empregados em escolas municipais de Vitória da Conquista-Ba. Observamos que apesar de ter sido constatado que a maioria das obras analisadas já trata a temática valorizando as questões culturais, a maioria das imagens trazidas pelos livros remete o negro à visão de subalternos e sofredores, estando relacionado ao período da escravidão no Brasil. Esta visão acrítica, que trata somente dos valores culturais e dos constantes abusos cometidos em relação ao povo negro, não é suficiente para atender aos objetivos da lei 11645/08, isto é, a inclusão da obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira, uma vez que as imagens não dão margem para compreensão do negro de forma positiva.

Palavras-chave: relações raciais, livro didático, diversidade.

1 Doutor em Educação (UNICAMP). Professor da UESB e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. E-mail: dodoeugenio@yahoo.com.br

2 Graduada em Pedagogia (UESB). E-mail: andiolima@gmail.com

Black image in the book of teaching history of teaching primary

Imágenes de negros e negras en libro de História de la enseñanza inicial

Abstract

The article presents the results of a qualitative research that aimed at understanding how the contents on the black are treated in the textbook History of the early years of elementary school. The data collection was performed by means of an exploratory research in history textbooks used in public schools in Vitória da Conquista, Bahia. Note that although it was found that most of the works have analyzed the theme comes valuing cultural issues, most of the images brought by the black books refers to subordinate vision and suffering, being related to the slavery period in Brazil. This uncritical vision, which deals only with cultural values and the constant abuses against the black people is not enough to meet the goals of the law 11645/08, the inclusion of the mandatory teaching of African culture and african-Brazilian, since the pictures not give no room for understanding the black positively.

Keywords: race relations, textbook, diversity

Resumen

El artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa dirigida a la comprensión de cómo se tratan el contenido acerca el negro en el libro de texto de historia de los primeros años de la escuela primaria. La recolección de datos se realizó por medio de una investigación exploratoria en los libros de historia utilizados en las escuelas públicas de Vitória da Conquista, Bahía. Tomamos nota de que, aunque se encontró que la mayoría de los trabajos han analizado el tema, viene valorando cuestiones culturales, la mayoría de las imágenes traídas por los libros negros se refiere a la visión y el sufrimiento subordinado, por estar relacionados con el período de la esclavitud en Brasil. Esta visión acrítica, que sólo se ocupa de los valores culturales y los constantes abusos contra las personas de raza negra no es suficiente para cumplir con los objetivos de la ley 11645/08, es decir, la inclusión de la enseñanza obligatoria de la cultura africana y afro-brasileña ya que las imágenes no dan espacio para entender el negro positivamente.

Palabras-clave: relaciones raciales, libro de texto, diversidad

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação que objetivou conhecer de que forma os livros didáticos de história dos anos iniciais do ensino fundamental vem contribuindo para o cumprimento da Lei 10.639/03, assim como identificar se o modo de abordagem contida nesse instrumento didático-pedagógico colabora para a desconstrução do preconceito racial herdado pela nação brasileira ao longo dos anos, corrigindo as injustiças cometidas em relação a esse segmento da sociedade brasileira.

Pesquisar a relação entre historiografia do negro com o livro didático elucida elementos de importância teórica na medida em que se pretende realizar analogias entre formulações elaboradas pelos livros didáticos e seu impacto sobre a concepção do negro pelas crianças que estão construindo seus saberes escolares através de tal instrumento didático-pedagógico. Este artefato cultural, o livro didático é um elemento que faz parte da cultura da escola. Diversos pesquisadores tem se dedicado ao seu estudo, a exemplo de Silva (2011), Santiago (2010), Freitas (2009), Bittencourt (1997), Almeida (2013), dentre outros.

Rosemberg, Basilli e Silva (2003) efetuaram um levantamento acerca do racismo em livro didáticos nas últimas cinco décadas. Para isso, apoiaram-se em estudos da arte já realizados sobre a temática, assim como estudos e pesquisas sobre o livro didático e paradidático. Na análise, os autores consideram duas dimensões do racismo: a estrutural e a simbólica (ideológica) e pontuam elementos a serem considerados em pesquisas futuras, ponto a que retornaremos nas conclusões.

De acordo com Fernandes (2005), os livros didáticos, principalmente os de história, verticalizam uma imagem dos povos europeus e africanos com uma primazia constante em seus conteúdos, de forma que os “brancos” (europeus) são concebidos de forma heroica e participativa na construção da identidade brasileira elitizada, enquanto que para os africanos “negros” restou o legado da escravatura e da imagem pejorativa, preconceituosa e estereotipada, escamoteando, dessa forma, a participação deste segmento na construção da identidade brasileira.

Estudos sobre o livro didático são fundamentais, tendo em vista que o Brasil possui um Programa Nacional do Livro Didático que distribui este material a todos os discentes da escola pública, sendo ele, na maioria das vezes, o definidor dos currículos e dos conteúdos a serem ensinados na escola.

Ao longo das pesquisas no campo educacional, o tema do livro didático esteve presente abordando diferentes temáticas, tal como aponta Munakata (2012). Se nas décadas de 1970 e 1980 o tema da ideologia no livro didático preponderava, a partir dos anos 1990 outros temas foram incorporados, contando, para isso, com aporte da história do currículo, das disciplinas escolares, do livro/leitura. Com relação à discriminação racial no livro didático, um estudo pioneiro foi o realizado por Dante Moreira Leite, na década de 1950, no contexto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Segundo Rosemberg, Bazilli e Silva (2003, p.133), os estudos pioneiros dos anos 1950 chegam à conclusão de que o racismo “se expressaria em proposições de hostilidade racial ou proposições que defendessem a inferioridade natural dos negros, à maneira das teorias raciais do século XIX”.

No estado da Bahia, um estudo importante é o realizado por Ana Célia Silva em fim dos anos 1980. Tendo como foco a representação social dos negros nos livros didáticos, a autora ressalta que a questão da percepção do outro está intimamente ligada a situações de ordem política e ideológica que visam à manutenção do controle social. É a partir dos movimentos negros que se pensam sobre atitudes de mudança no que se refere à imagem e representação do segmento no âmbito da educação.

Em muitos casos, a discriminação tem origem não apenas no preconceito e sim no interesse, que tem a noção de privilégio como foco principal, ou seja, a continuidade e a conquista de privilégios de determinados grupos sobre o outro seria o determinante da perpetuação da discriminação. (SILVA, 2011, p.75).

Nesse sentido, os valores da cultura dominante sobrepoem-se aos da cultura dominada, estando a primeira sempre mais elevada em detrimento da segunda, dando margem a compreensão de que determinados sujeitos e

grupo social podem ser inferiorizados. Reside nesse fato a importância de considerarmos a discussão do currículo quando da análise do livro didático, tendo em vista que este artefato é, no caso brasileiro, um dos principais definidores da seleção do conhecimento corporificado no currículo.

Mais recentemente, a pesquisa realizada por Almeida (2013), na cidade de Itabuna-Ba, analisou como as questões raciais se apresentam na política nacional do livro didático por meio dos editais de 2004, 2007 e 2010 e como os docentes que utilizam desses livros tratam das relações etnicorraciais na sala de aula.

Tendo isso em conta, a pergunta que orientou este estudo pode ser assim formulada: Como os conteúdos sobre a população negra (pretos e pardos) são abordados nos livros didáticos de História dos anos iniciais do ensino fundamental? Neste sentido, a pesquisa por nós realizada esteve centrada em tentar reconhecer, por meio dos diálogos presentes nos livros didáticos, a relação entre imagens dos negros e a Lei 10639/03.

A sociedade em que vivemos, na qual o preconceito e a violência têm acontecido com uma frequência assídua, aliado ao desconhecimento, por parte da sociedade em geral, do processo histórico de constituição das relações raciais no Brasil, não possibilita a visão da totalidade. Portanto, faz-se necessário que o ensino e as abordagens dos conteúdos nos livros didáticos possibilitem aos educandos negros e brancos uma representação positiva da participação do negro na construção da identidade brasileira, a fim de incentivar o conhecimento e desfazer preconceitos e mitos, tentando unificar a participação desses povos à realidade social existente atualmente (ORÍÁ, 2005). Fazendo isso, contribuirá para a educação das relações etnicorraciais, cujo objetivo, segundo Gonçalves e Silva (2007, p.490) é “a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais”.

Os conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira devem estar inseridos em todo âmbito da educa-

ção básica. Assim sendo, o currículo é um componente importantíssimo a ser analisado. O livro didático, como principal instrumento que organiza o currículo da escola e o trabalho dos professores, precisa ser considerado no momento em que se investiga a educação das relações etnicorraciais.

Desta forma, este texto objetivou investigar e analisar os conteúdos abordados nos livros didáticos de História dos anos iniciais do ensino fundamental utilizados na Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista- BA, no ano de 2013.

Os livros analisados foram:

Livro	Turma	Editora	Ano	Autores
A escola é Nossa	2º ano	Scipione	2012	Rosemeire Alves e Maria Eugênia Bellusci
Porta Aberta	3º ano	FTD	2011	Mirna Lima
A escola é Nossa	4º ano	Scipione	2012	Rosemeire Alves e Maria Eugênia Bellusci
Segredos da Bahia	5º ano	FTD	2011	Albani Galo Diez e Águeda Célia Fontes

As imagens dos negros nos livros analisados

Segundo Jotta e Carneiro (2009), as imagens desempenham importante papel no ensino devido ao fato de auxiliarem na percepção e construção de significados para os conceitos a serem trabalhados teoricamente. Tomando por base o trabalho de Carneiro (1997), estamos considerando imagem todas as representações visuais, reais ou analógicas, que remetam ao negro/a.

A inserção das imagens nos capítulos dos livros didáticos tem sempre uma função. De acordo com Carneiro (1997), Palácios e Valadares (2002), as imagens podem ser classificadas em explicativas- são inseridas para auxiliar no entendimento do texto- e decorativas- são inseridas apenas para adornar e decorar o texto.

Os principais tipos de imagens utilizados nos livros analisados são desenhos e fotografias. Prevalece nos livros analisados, particularmente os do 4º. e 5º. anos, as fotografias. Pressupomos que isso se deve ao fato de a

disciplina em análise ser a História. No caso do 1º ano do ensino fundamental ainda não é utilizado um livro didático exclusivamente de História; os conteúdos referentes à disciplina são apresentados em conjunto com os livros de Língua Portuguesa e Matemática. Nesses livros prevalecem os desenhos e sua função é atrair a atenção do aluno, sendo utilizados muitas vezes com função decorativa.

A seguir analisamos dois dos livros empregados nas escolas públicas municipais. O livro intitulado *A Escola é Nossa*, das autoras Rosemeire Alves e Maria Eugênia Bellusci, 3ª edição, São Paulo, 2012 da Editora Scipione, encontra-se dividido em seis capítulos: 1. Nós, as crianças 2.O nome que a gente tem 3. O Tempo 4.O tempo em nossa vida 5.Vivemos Juntos 6. É Hora da Escola

Nesta obra, a história da cultura africana e afro-brasileira não é abordada, conforme sugere o próprio sumário na divisão dos capítulos. De acordo com as imagens analisadas, o negro aparece apenas em um momento, em desenho no capítulo1 “Nós as crianças”, na proposta de um exercício da página 13, conforme exposto na imagem abaixo.



A imagem sugere que ninguém é igual ao outro e que cada um tem sua própria identidade. Uma leitura possível pelo professor pode destacar a diferença dos cabelos e cor da pele entre as crianças representadas na ilustração. Ressaltamos que estamos inferindo tais elementos, pois eles não aparecem explicitamente na atividade proposta. Reside aí a importância de formar o professor para o trabalho com a educação das relações étnicorraciais.

O segundo livro didático de história para o 3º ano do ensino fundamental, adotado pela escola pesquisada é o *Porta Aberta*, de Mirna Lima, 1ª edição, São Paulo, 2011, da Editora FTD. A obra está dividida quatro capítulos, assim organizados:

Unidade I

Meninas e meninos

1.Quem é você: uma menina ou um menino? 2.Meninas e meninos e suas histórias de vida 3.Ser criança: a vida de meninas e meninos em diferentes tempos

Unidade II

Meninas e meninos: costumes e tradições

As crianças indígenas, seus costumes e suas tradições 2. As crianças africanas, seus costumes e tradições 3.Outras crianças, outros costumes, outras tradições

Unidade III

Os lugares e suas histórias

Os lugares já foram assim 2.Os lugares e as mudanças no passar do tempo 3.Adultos contam história sobre os lugares onde moram

Unidade IV

As crianças do campo e da cidade

As crianças do campo e suas experiências de vida 2.As crianças da cidade e suas experiências de vida 3.As crianças do campo e da cidade já viveram assim

De acordo o que pode ser observado na obra, a autora dedicou dois capítulos ao tratamento da cultura afro-brasileira e africana. No primeiro momento, observa-se o capítulo 3, unidade I, página 41, intitulado “Ser criança: a vida de meninos e meninas em diferentes tempos” a autora apresenta, como era a vida da criança afro-brasileira e da criança branca europeia, destacando o lugar de cada uma na sociedade do período colonial, conforme a imagem a seguir:

As meninas eram criadas dentro de casa. Elas bordavam e costuravam, em companhia de suas mães.

2 Acompanhe com os alunos a leitura da imagem, destacando a importância da gravura para revelar de costumes de época e a organização familiar. O homem era a pessoa mais importante da família, a quantidade de filhos e de escravos eram os símbolos de poder e de riqueza. Proposta um trabalho comparativo para os alunos perceberem as relações ocorridas na sociedade, destacando o papel da mulher nos dois grupos. Hoje existem muitas famílias constituídas por mulheres.



Jean-Baptiste Debret. Uma senhora brasileira em seu lar. c. 1835.

As mulheres também saíam pouco. Quando iam para as ruas, estavam quase sempre acompanhadas de seu marido ou, então, eram levadas pelos escravos nos meios de transporte da época.

42

A imagem retrata a subserviência do negro em relação ao branco na época do Brasil colonial. Aqui o negro aparece servindo uma senhora branca sentada em uma poltrona e uma menina que está supostamente estudando sentada em sua cadeira. Ambas estão bem vestidas. Já as crianças negras aparecem sentadas ao chão, descalças e despidas. Não há uma discussão ou atividades que possibilitem aos estudantes correlacionar as imagens com a situação dos negros e negras atualmente, bem como não são mencionadas nenhuma informação acerca da condição feminina nesse momento. Segundo Moreno (1999, p.43), os livros didáticos não ensinam apenas a ler o que está explícito, “mas sim todo um código de símbolos sociais que comportam uma ideologia sexista, não explícita, mas incrivelmente mais eficaz do que se fosse expressa em forma de decálogo”.

É fato que a história ocorreu e que é de suma importância o conhecimento histórico de outras épocas, mas a ideia de se priorizar e reforçar constantemente tais imagens nos livros didáticos só vem a confirmar o que já apontava Gonçalves (2007), ou seja, que os livros didáticos são mecanismos de exclusão intraescolar, pois na medida em que reforçam a subserviência do negro em relação ao tipo branco, acabam construindo e reafirmando o papel do negro perante a sociedade, excluindo e marginalizando ainda mais esse grupo no que se refere aos padrões considerados civilizados da sociedade. Vale ainda ressal-

tar que o capítulo em análise trata da imagem da criança e a que tipo de espaço pertencia cada uma na sociedade do período colonial. A pergunta é: Com qual grupo as crianças gostariam de se identificar ao se deparar com esses relatos nos livros didáticos?



Jean-Baptiste Debret. Um funcionário do governo a passeio com sua família. c. 1835.

Na gravura, um funcionário do governo passeia com sua família. O pai caminha sempre a frente do grupo, seguido pelos filhos, do mais jovem para o mais velho até o bebê. A mulher seguia atrás e, depois dela, os escravos. A fila mostrava o poder de cada um nessa sociedade da época.

Na imagem acima, conforme sugere a própria narrativa, aparecem algumas pessoas em uma fila que está organizada de acordo com a posição hierárquica na sociedade da época. Partindo do funcionário do governo (branco), seguido de seus filhos, esposa e por último seus escravos (negros). Neste caso, a imagem é apenas decorativa do texto escrito.

As crianças de famílias portuguesas

Desde 1532 chegaram as primeiras famílias portuguesas para viver na terra encontrada pelos navegantes. As crianças portuguesas possuíam a mesma organização social e faziam parte de diferentes tipos de família.

Os bebês

Tanto as crianças das famílias mais ricas como as das famílias mais pobres tratavam-nas com muitos cuidados, principalmente nos primeiros meses de vida, de 0 a 4 anos.

As crianças alimentavam-se principalmente de leite de peito. As mais ricas costumavam receber o leite do peito das mulheres escravas, chamadas amas de leite.

As famílias mais pobres também recorriam às escravas para conseguir leite, já que até mesmo essas pessoas tinham pelo menos um escravo.



Babá com menino, Pernambuco, 1874. O bebê era posto em um berço feito de madeira e as escravas amamentavam as crianças. Elas eram forçadas a deixar seus bebês para cuidar das crianças de seus brancos.

Além do leite, as crianças costumam papinhas feitas com farinha de mandioca, leite e açúcar e quase sempre recebiam esse alimento direto na boca, dando pelas mãos dos adultos.

41

A imagem da babá ou da “ama de leite” africana, como era conhecida na época do Brasil colonial ao lado da criança branca, representada na imagem acima, nos remete a uma suposta relação harmoniosa que existia

entre negros escravizados e brancos nas casas grandes, dando a transparecer que os conflitos e as lutas não existiam, pois esses elementos não aparecem de nenhuma forma nos textos e/ou atividades.

Já no capítulo 2, intitulado “As crianças africanas, seus costumes e tradições”, da unidade II, entre as páginas 95 e 118, é abordada a cultura africana destacando costumes, religião, espaço geográfico, as divisões do continente, patrimônio cultural e a formação de diferentes povos dentro da mesma etnia, dando margem à compreensão da organização africana. No entanto, ainda permanece a imagem de uma África idealizada, com muitos estereótipos.

Segundo Pereira (2012), conhecer a história da África é imprescindível para ampliar a consciência histórica e social do povo brasileiro. Nisso reside a importância de formar os professores para a análise crítica do livro didático no trabalho com a educação das relações etnicorraciais.

De acordo com a análise dos dados, percebemos que atualmente os livros didáticos de História dos anos iniciais tem dado maior importância às questões ligadas aos conteúdos de história da África e da cultura africana, abordando a cultura e o espaço do negro, diferente de outros momentos, como apontou a pesquisa de Branco (2010) realizada com livros didáticos de história na década de 90. Entretanto, na maioria das vezes as imagens continuam oscilando entre a história que aborda a subserviência do negro em relação ao branco, a história que tenta transparecer que não existe racismo entre negros e brancos e uma África ainda estereotipada.

Permanece ausente uma interrelação com as questões de raça e gênero nos livros analisados. Este é um ponto importante e que merece ser aprofundado em outras investigações. Quando imagens relacionadas às mulheres aparecem nos livros, estas contribuem para reafirmar que apenas determinados espaços e/ou funções devem ser desempenhados pelas mulheres.

Segundo Moreno (1999, p. 51): “A história que nos contam nos livros de texto é uma história tendenciosa, carregada de ideologia. O fim de a que se destina é inculcar

nas alunas e alunos uma determinada forma de ver o presente por meio de uma particular maneira de interpretar o passado” (...)

No caso do negro, ora ele está exposto nas imagens trabalhando para servir os interesses dos senhores, seja nos engenhos, no comércio ou nas dependências familiares, reforçando a ideia da subserviência e do trabalho braçal; ora apresentado como precursor de alguns modos culturais que contribuíram para a formação da identidade brasileira, como a capoeira, por exemplo. Ademais, as obras didáticas analisadas abordam as diferentes formas de moradia na África, a divisão do espaço, os costumes religiosos, as formas de se vestir, a culinária, a dança, entre outras manifestações culturais pertencentes à identidade dos povos africanos, mas ainda com a imagem de uma África idealizada.

Não se pode negar aos estudantes o acesso à cultura e à história do passado, nem tampouco informações acerca do revoltante abuso que sofreram os negros do período colonial e imperial, mas também não se pode perder de vista que as lutas e conquistas de negros e negras naquele período devem ser enfocados. Além disso, é imprescindível o conhecimento da Lei 10639/03 por parte dos docentes, assim como das Diretrizes curriculares para a educação das relações étnicas, seus objetivos e importância para a formação de nossos estudantes.

Por isso a necessidade dos docentes trazerem para a classe exemplos positivos de ascensão social de negros e negras, de pesquisadores/escritores/cientistas negros e negras, da cultura negra e sua contribuição para a formação da nação, pois se a história que vem sendo narrada nos livros didáticos enfatiza somente os fatos do passado (sofrimento e escravidão) e se omite de abordar o percurso do negro no pós-abolição, as teorias que reforçaram o racismo no Brasil, assim como a exclusão que o negro tem enfrentado nos mais diversos espaços sociais, ela contribui para a continuidade dessa representação negativa.

Esse ocultamento ou silenciamento, como pontua Cavaleiro (2000), que está presente nas obras didáticas analisadas, parece ser apenas mais uma forma que as políticas públicas encontraram para continuar perpetuando a ma-

nutrição do sistema social, privilegiando a elite branca em detrimento da população negra. Nesse sentido, o marco da história do Brasil caminha em favor dos marcos da história europeia, mesmo que sutilmente, exercendo funções político-ideológicas bem definidas no currículo escolar, pois “o negro entra na sociedade brasileira como cultura dominada, esmagada. E as marcas da escravidão persistem, no preconceito racial, na situação miserável de muitos. Não se pode pensar em Brasil sem se levar em conta toda essa história” (BRANCO, 2010, p.114).

Entretanto, os livros didáticos continuam a silenciar o que deveria ser dito acerca da história e cultura da população negra brasileira. Tanto as imagens quanto as narrativas e resoluções de exercícios não proporcionam aos estudantes a possibilidade de análise crítica sobre o processo e as estruturas hoje formadas no meio social brasileiro, bem como sobre o lugar destinado historicamente a negros, brancos, indígenas na sociedade.

Considerações Finais

Conforme analisado nas obras já citadas anteriormente neste trabalho, foi possível observar que existe um distanciamento entre o que é proposto pelas políticas públicas, considerando o texto dos documentos normativos e o que é executado na prática em suas ações, pois os livros didáticos como elementos de aprendizagem e construção do conhecimento que foram investigados para a escrita deste artigo evidenciaram certa preocupação com a história do presente, estando focado apenas na história do passado que frisa constantemente o abuso cometido em relação aos negros.

Por esta via, a história tendo como preocupação ressarcir aos descendentes de negros e africanos o respeito e a valorização perante a sociedade, deveria preocupar-se em amarrar os conteúdos abordando a história do passado, do presente e do intervalo entre os dois períodos, de modo a apresentar em suas narrativas os prejuízos causados a este segmento populacional e suas lutas por melhores condições de sobrevivência na atualidade, pois:

Se escrever história é contar história, então, pensar em escrever a história é recortá-la, é es-

tabelecer um início e um fim e, em seguida, o antes, o durante e o depois. É dar sentido à experiência humana depositando-a em intervalos a que chamamos de períodos. Pensar em escrever história é periodizá-la. (FREITAS, 2009, p. 31).

Entretanto, tanto as narrativas quanto as imagens estiveram sempre apontando a escravidão, o sofrimento e a subordinação do negro em relação ao branco, fatos estes correspondentes à história do passado. Claro que conhecer o passado, a cultura e seus benefícios são importantes, mas também é fundamental relacionar com o tempo presente.

Diante de tais apontamentos, é preciso pensar se estas ações estão sendo voltadas e atendendo a tais objetivos, uma vez que as abordagens dos livros didáticos estão sempre focadas no passado, não apresentando o que Freitas (2009) conceitua como dar sentido à experiência humana através dos períodos. Os textos presentes nos livros não tratam, por exemplo, de que o poder pertencia à elite porque mesmo no pós-abolição a classe dominante continuou a manter seus interesses, criando teorias de que o negro era inferior ao branco, não tratam também do racismo que é presente, mas tão dissimulado na nossa sociedade atual, chegando a haver quem diga que não existe racismo entre os brasileiros. Talvez esse fato deva-se a:

A igualdade racial, entre outras, numa sociedade desigual, poderia constituir-se em ameaça aos privilegiados, daí a insistência na negação da discriminação, do preconceito e do racismo na nossa sociedade, que visa desconstruir a ação política do povo negro, tendo como referência a sua identidade étnico-cultural e racial (SILVA, 2011, p.76).

O racismo é tão silenciado que se observar atentamente é possível notar que existe uma omissão em relação a esse fato quando é elaborada a obra didática dando importância à temática em questão, de forma que transpareça certo respeito pelo negro tratando apenas da cultura, da arte, das formas de moradias, da divisão do espaço geográfico, dos costumes e tradição em geral e rechaçando os acontecimentos históricos que permitem uma reflexão crítica sobre a forma como o

negro foi sendo posto de lado ao longo da construção da história da humanidade.

A pesquisa de Silva (2011), em que analisa livros didáticos da década de 1990, aponta avanços da abordagem das imagens e na representação dos negros. Em pesquisa realizada na década de 1980 essa pesquisadora constatou que: as imagens do negro apareciam nas obras didáticas com características físicas desconfiguradas ou na maioria das vezes associada a animais, a exemplo do macaco; não existia tratamento da identidade do negro na sociedade; o negro era retratado nas obras com ênfase na subserviência, na presteza do trabalho braçal, na força física, estando sempre diferente ao segmento branco; nas imagens, o segmento branco é representado tendo acesso a bens culturais como leitura/ arte, assim como ao poder.

No entanto, a análise de diferentes coleções e disciplinas ainda aponta para a necessidade de pesquisas sobre as relações etnicorraciais nos LD dos anos iniciais, tendo em vista ser este o momento em que a criança negra/branca/indígena/cigana, dentre outras etnias, está elaborando sua identidade.

As análises empreendidas neste artigo abrem perspectivas de novas pesquisas que deem conta da forma como os professores estão construindo seu conhecimento em relação à exclusão social dos negros e as suas concepções diante da forma como os livros didáticos estão sendo elaboradas para o cumprimento dessa responsabilidade que é pertinente às políticas públicas. Ressaltamos que cabe ao professor fazer o uso crítico da obra com o devido domínio do conteúdo a ser trabalhado, uma vez que se quem os manuseia não tiver domínio sobre seu conteúdo, o livro didático continuará a perpetuar imagens e representações que mesmo com a implementação da lei 10639/03, não se modificam no cotidiano da sala de aula. Por isso disciplinas nos cursos de formação de professores que tratem da educação das relações etnicorraciais são imprescindíveis, pois podem auxiliar os docentes a desconstruírem imagens e representações negativas em relação a negros e negras nos livros.

Finalizamos destacando algumas dos achados a que chegaram Rosemberg, Bazilli e Silva (2003) ao efetuarem levantamento sobre racismo em livros didáticos e que constituem importantes indicações para pesquisas: a) negros e indígenas são as principais etnias analisadas, não sendo encontradas referências a judeus, ciganos, japoneses, árabes; b) no que diz respeito ao nível de escolarização, o foco é o ensino fundamental; c) as disciplinas de Língua Portuguesa e História são o foco das pesquisas; d) baixa ocorrência de estudos sobre outros materiais pedagógicos; e) o foco das pesquisas são os textos e ilustrações dos LD.

A pesquisa de Almeida (2013) também aponta elementos que precisam ser considerados nos estudos que se dediquem ao entendimento das relações etnicorraciais nos livros didáticos: a) a predominância, ainda hoje, da população branca e de seu contexto histórico-cultural; b) necessidade de representação positiva de pessoas negras nos livros didáticos como possibilidade da criança se reconhecer e se orgulhar do seu pertencimento racial; c) representação concreta da cultura dos afro-brasileiros, tendo em vista perdurar ainda uma representação dos negros brasileiros de forma abstrata, como se não tivessem cultura; d) a difusão de preconceitos nos livros didáticos que mantem e reforça a estrutura discriminatória da sociedade brasileira; e) a veiculação de preconceitos explícitos através de imagens e ilustrações.

Ressaltamos a importância, também, de pesquisas que se proponham a investigar o consumo, as táticas e as artes de fazer do docente na relação do livro didático com as relações etnicorraciais no interior da sala de aula, assim como investigações que procurem ouvir as crianças negras e brancas na relação com o LD, a fim de compreender como as crianças constroem sentidos sobre o pertencimento a determinado grupo etnicorracial, produzem sentido e agenciam essas relações.

Assim, são necessários estudos que visem ao aprofundamento das questões acima elencadas tendo em vista a importância conferida ao livro didático como instrumento definidor dos conteúdos a serem trabalhados na escola, sendo, em várias situações, o próprio currículo praticado na sala de aula.

Referências

- ALMEIDA, Livia Jéssica Messias de. **“Velhos Problemas, Novas Questões”**: Uma análise dos discursos raciais na política nacional do livro didático. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, UEFS, Feira de Santana, 2013.
- BITTENCOURT, Circe. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- BORGES, Jorgeval Andrade. **Ambígua África, memórias e representações da África nos livros didáticos**: Egito, reinos e impérios africanos. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). UESB, Vitória da Conquista, 2009.
- BRANCO, Raynette Castelo. O negro no livro didático de História do Brasil para o ensino fundamental II, da rede pública estadual de ensino, no Recife. In: SANTIAGO, E.; SILVA, D.; SILVA, C. (Org.). **Educação, Escolarização e Identidade Negra**: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/ UFPE. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEB, 2004.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: história, geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- CARNEIRO, M.H.S. As imagens nos livros didáticos. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências**. Águas de Lindóia, ABRAPEC, 1997.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.
- FERNANDES, J. R. Oriá. Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafios e possibilidades. **Caderno Cedes**, vol.25, n.67, p.378-388, 2005.
- FREITAS, Itamar. **História Regional para a Escolarização Básica no Brasil**: O livro didático em questão. São Cristóvão: Ed: UFS, 2009.
- GONÇALVES, Vanda Lucia Sá. **Tia, Qual é meu Desempenho?**: Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros. Mato Grosso: Editora UFMT, 2007.
- GONÇALVES E SILVA, P. B. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, n.3, v.63, p.489-506, 2007.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.
- MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v.12, n.03, p. 179-197, 2012.
- PALACIOS, F.J.; GIMÉNEZ VALLADARES, J.D. Las ilustraciones en la enseñanza-aprendizaje de las ciencias: analisis de libros de texto. **Enseñansa de las Ciencias**, Barcelona, vol.20, n.03, p. 369-386, 2002.
- PEREIRA, Amauri M. **África**: para abandonar estereótipos e distorções. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- PEREZ-GOMEZ, Angel. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P.V.B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, v.29, n.01, p. 125-143, 2003.
- SILVA, Ana Célia da. **A representação Social do Negro no livro Didático**: O que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Livro Didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, nº 69, jan./mar. 1996.

Recebido em 10 de maio de 2015.

Aceito em 20 de junho de 2015.